

A história de um voluntário brasileiro na Guerra do Chaco¹

Renato Javier Angulo Aponte*

Antecedentes e contexto histórico

A Guerra do Chaco foi o conflito bélico de maior duração no continente americano durante o século XX e teve como protagonistas as Repúblicas do Paraguai e da Bolívia. A guerra transcorreu desde meados de 1932 até 14 de junho de 1935. Ambos os países disputavam a posse de uma vasta região, que vai desde as primeiras encostas andinas, descendo até o rio Paraguai, no coração da América do Sul. O território tem seus limites a Oeste no corte do rio Pilcomayo e, a Nordeste, na selva e banhados do grande Pantanal do estado brasileiro de Mato Grosso. É uma região quente e árida, com setores muito pantanosos nas proximidades dos principais rios, que formam vastos charcos e banhados.

No início do século XX, enquanto os futuros beligerantes tentavam solucionar a questão de limites pela via diplomática, procediam à ocupação paulatina da zona disputada. Era questão de tempo para que as guarnições dos *fortins* — nome que se dava às pequenas colônias militares ou postos de ob-

servação — se vissem envolvidas em escaramuças de menor ou maior intensidade. Uma delas foi em 25 de fevereiro de 1927, quando um oficial paraguaio chamado Adolfo Rojas Silva foi morto no fortim boliviano Sorpresa, na beira do rio Pilcomayo, quando intimou seus ocupantes a desocupá-lo. Posteriormente, em dezembro de 1928, o capitão paraguaio Rafael Franco, comandante do fortim Galpón, ao tomar conhecimento da presença de uma guarnição boliviana muito próxima e em pleno território paraguaio, ordenou seu assalto e destruição. Este ato provocou a reação do exército boliviano, que ocupou três fortins no Chaco central, obrigando o Paraguai a decretar a mobilização geral e o envio de tropas ao teatro de operações. Uma saída diplomática pôs fim ao prematuro início da guerra, mas foi o prelúdio de ações maiores. A diplomacia necessariamente iria fracassar diante da política boliviana de “Pisar forte no Chaco”, decretada no ano de 1931 pelo presidente boliviano Daniel Salamanca.

A fagulha que incendiaria o barril de pólvora do Chaco acendeu-se quando o

* Advogado, bacharel em Direito (Universidade Nacional de Assunção), pós-graduado em História Militar (Instituto de Altos Estudos Estratégicos do Ministério da Defesa do Paraguai). Foi vice-presidente da Associação Cultural Mandu'arã, do Paraguai, membro honorário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e do Instituto de Investigações Históricas e Culturais de Corrientes, Argentina. Realiza pesquisas sobre o material bélico utilizado na Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança e na Guerra do Chaco. Também investiga a história da aviação paraguaia desde seu início até a atualidade.

comandante boliviano Oscar Moscoso, do 5º Regimento de Cavalaria “Lanza”, em um voo de reconhecimento, detectou a presença de uma enorme lagoa de água doce a noroeste das colônias Menonitas² instaladas pelo governo paraguaio, em uma posição privilegiada. O Alto-Comando boliviano ordenou a Moscoso a ocupação do grande lago, mas o oficial boliviano topou com uma pequena guarnição paraguaia que guarnecia o lugar, ao qual denominavam Fortim Carlos Antonio López, enquanto a aguada era conhecida com o nome indígena de *Pitiantuta*. Após uma curta refrega, os bolivianos se apossaram do lugar, mas não conseguiram deter as sentinelas paraguaias que depois de três dias de marcha, lograram chegar ao Posto de Comando da 1ª Divisão de Infantaria sobre o rio Paraguai, em uma localidade chamada Puerto Casado, a comando do tenente-coronel José Félix Estigarribia. Este solicitou instruções ao governo, que lhe ordenou a recaptura do Fortim.

Um voluntário brasileiro na Guerra do Chaco

A Guerra do Chaco contou com a presença de voluntários estrangeiros em ambos os lados. No Exército Paraguaio, destacou-se a presença de voluntários argentinos, que inclusive chegaram a formar um regimento de cavalaria, que foi denominado “San Martín”, em honra ao grande herói e libertador de seu país, sendo designado como o 7º Regimento de Cavalaria do Exército Paraguaio. Outros estrangeiros que se somaram em grande

número ao esforço bélico do país foram os russos, denominados “brancos”. Com este nome, eram conhecidos aqueles habitantes da terra dos tzares que haviam sido exilados ou fugido das perseguições comunistas durante e após a Revolução Bolchevique de 1917 e a Guerra Civil que se lhe seguiu até o ano de 1922. Foram ao redor de 50 os ex-oficiais do velho exército imperial russo que se juntaram à causa paraguaia, sendo todos eles assimilados como oficiais nos batalhões e regimentos paraguaios.



Figura 1 – Croqui do Chaco Paraguaio

Fonte: JOY, 1988, p. 25

Também houve voluntários uruguaios, dos quais os mais famosos foram os pilotos Benito Sánchez Leyton e Luis Tuya, que voaram várias vezes para a Arma Aérea paraguaia. Também se apresentaram oito oficiais alemães; sete italianos, dos quais vários estiveram na aviação militar como mecânicos ou técnicos; dois oficiais franceses, entre eles o capitão León Fragnaud, célebre pela construção de poços de águas, tão necessários no deserto chaquenho.

Neste artigo, relataremos a história pouco conhecida de um dos voluntários brasileiros, que também se fizeram presentes no Comando paraguaio, para defender uma causa que consideravam justa, como os direitos reais deste país sobre o território chaquenho. Relataremos brevemente a atuação do então tenente brasileiro Nemo Canabarro Lucas. O inquieto e valoroso oficial não só participaria nesta contenda, mas antes se vira envolvido na Revolução Constitucionalista do Estado de São Paulo do ano de 1932, lutando no lado sublevado. Ao terminar esta revolução, teve que emigrar, para evitar cair prisioneiro nas mãos do governo, temendo ser vítima de represálias.

Posteriormente combateria no lado republicano na Guerra Civil Espanhola até finalmente voltar ao Brasil, participando da Segunda Guerra Mundial como correspondente de guerra.

O 1º Regimento de Cavalaria “Valois Rivarola”

O 1º Regimento de Cavalaria (1º RC), é um dos mais antigos do Exército Paraguaio. Foi organizado com base nos esquadrões de cavalaria sediados na cidade de Paraguarí, a 60 quilômetros da capital Assunção — atual-

mente, o quartel é ocupado pelo Comando da Artilharia do Exército Paraguaio. A unidade foi criada pelo Decreto Presidencial Nº 22.970, de 10 de fevereiro de 1926.

Sua primeira organização foi dada pelo Decreto Presidencial No. 25.211, datado de 18 de outubro de 1926, estabelecendo como estrutura de tempo de paz um estado-maior e três esquadrões, cada um deles com cinco oficiais, oito sargentos e 99 soldados de tropa. A unidade também foi dotada de um esquadrão de metralhadoras, que seriam transportadas a cavalo. Quatro anos depois, pelo Decreto Presidencial nº 37.592, de 30 de julho de 1930, as unidades do Exército paraguaio evocariam as grandes batalhas da Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança e seus protagonistas, recebendo o 1º Regimento de Cavalaria o nome do lendário cavaleiro Valois Rivarola, que foi um dos soldados mais corajosos do exército paraguaio na terrível campanha do Pykysyry do ano de 1868.

Sendo parte do exército em tempo de paz, o Regimento foi mobilizado após os acontecimentos da tomada da Lagoa Pitiantuta em junho de 1932. Naquela época, apenas o Primeiro Esquadrão do Regimento estava ativo na cidade de Puerto Pinasco no Chaco, quase em frente à cidade de Concepción, que está localizada na margem oposta do rio Paraguai. Os oficiais que iriam completar o quadro seriam transferidos para a cidade de Paraguarí, antiga sede regimental, e, de lá, levados de trem para Assunção, onde as tropas seriam enquadradas na unidade. Os mobilizados se concentraram no estádio de futebol do distrito de Saxônia da capital — atual Estádio Defensores del Chaco, onde atualmente a Seleção Paraguaia de futebol compete com as representações de outros países. Durante este tempo, como o

exército não dispunha de cavalos, os primeiros equinos do Regimento foram requisitados do hipódromo de Assunção, situação que trouxe alguns inconvenientes aos cavaleiros, uma vez que os velozes animais não estavam acostumados ao ritmo marcial.

O major Siegfried Melgarejo foi nomeado comandante do Regimento. As tropas e os cavalos foram transportados em navios em 3 de agosto de 1932, com destino a Puerto Pinasco. Três dias depois, desembarcaram no Chaco. No dia 11 do mesmo mês, o Regimento chegou ao Fortim Rojas Silva, onde recebeu o resto da cavalaria e foi reorganizado com quatro esquadrões, totalizando cerca de 500 homens entre oficiais, suboficiais, tropa e pessoal de serviços. A unidade também contava com o Esquadrão de Metralhadoras, equipado com seis metralhadoras leves Madsen de procedência dinamarquesa, equipadas com reparos para tiro rasante, quando na verdade devia ser dotado com metralhadoras pesadas, como a Vickers ou a Colt, que na época eram escassas no exército paraguaio. Novamente o comandante do Regimento foi substituído, passando um antigo oficial a ocupar a posição — era o tenente-coronel Manuel García de Zúñiga.

Naquela época, o “Valois Rivarola” contava entre seus homens com oficiais que tinham feito seu serviço militar anos atrás, outros com educação superior, pelo menos 150 soldados treinados, que estavam em serviço antes da guerra, e os demais eram membros da reserva geral, que haviam sido mobilizados por ordem do presidente da República. Esta seria a unidade mais famosa da guerra, mais tarde conhecida como “Os Diabos Verdes”, mas o início de sua participação em operações deixou muito a desejar. Foi a dedicação dos oficiais e comandantes posteriores

que formou a lenda e o espírito de corpo do Regimento, fazendo dele a unidade de elite do Exército Paraguaio durante a contenda.

O “Valois” não participou da primeira grande batalha da guerra, conhecida com o nome de Fortín Boquerón, que aconteceu de 7 a 29 de setembro de 1932, na qual o Primeiro Corpo de Exército Paraguaio, com cerca de 7.000 soldados, recuperou, após duros combates, o reduto fortificado do Fortim Boquerón. Esta posição havia sido anteriormente capturada pelos bolivianos, que defenderam o posto até a sua rendição com mais de 2.500 soldados, contando-se entre estes os que estavam dentro do recinto fortificado e os reforços que tentavam romper o cerco paraguaio.

A futura unidade de Nemo Canabarro estava acampada na colônia Filadélfia, uma aldeia de estrangeiros da religião Menonita que haviam migrado para o Paraguai no ano de 1927 e que, no início da Guerra do Chaco, contava com três importantes povoados no atual Chaco central. Em 25 de setembro de 1932, uma pequena patrulha sondava ao redor do Fortim Toledo, que fora ocupado pelos Bolivianos em agosto do mesmo ano, recuperando o fortim depois que este fora abandonado pelos Bolivianos no dia 28 de setembro, ficando, assim, contida a ameaça contra as colônias menonitas. Nas mesmas circunstâncias, o regimento retomaria o Fortim “Corrales”, que também havia sido ocupado ao mesmo tempo em que os outros durante a eclosão das hostilidades.

A recaptura boliviana do Fortim “Platanillos” e a debandada do 1º RC

Finalmente, a falta de poços de água atingiu seu ápice, tendo a unidade, bem como as outras de cavalaria, que abandonar

suas montarias no dia 6 de outubro de 1932, quando foram pastar pela última vez nas proximidades das colônias. Sobraram apenas alguns exemplares para os oficiais e o serviço mensagem.

Nesse mesmo dia, incumbiu-lhe ocupar, depois de uma curta batalha, o fortim Loa e, mais tarde, ocuparam o Bolívar e o Jayucubas, sem encontrar muita resistência. O exército boliviano estava concentrado a Leste, no fortim Muñoz, nas proximidades do rio Pilcomayo, tendo ao sul uma barreira intransponível de massa de água conhecida como Estero Patiño, um lugar alagado e pantanoso percorrido apenas por patrulhas de observação. Nesse ínterim, a 1ª Divisão de Infantaria ocupou o Fortim Platanillos, que ficou, então, a cargo do 2º Regimento de Cavalaria. O referido Fortim Muñoz é o atual “General Díaz”, que foi durante um longo período sede de grandes unidades do exército

paraguaio, estando muito próximo à fronteira com a Argentina.

No dia 12 de outubro, o Regimento recebeu a ordem de substituir o 2º Regimento de Cavalaria, com a responsabilidade de cobrir a retaguarda e o flanco direito do grosso do exército paraguaio, que marchava para a posição de Saavedra, a qual fazia parte do sistema defensivo do Fortim Muñoz. O Regimento se desdobrou nas seguintes posições: Guajhó, Toledo, Puesto Betty, Corrales, Loa, Bolívar, e Jayucubá e Platanillos, estabelecendo bloqueios na estrada que ia do Fortim boliviano de “China-Ballivián” a “Camacho” (atualmente cidade de Mariscal Estigarribia).

A partir de novembro, o Regimento começou a ceder vários de seus oficiais a outras unidades, incluindo o recém-criado 7º Regimento de Cavalaria San Martín. Em seguida, criou-se a 1ª Divisão de Cavalaria com ambos os regimentos. De fato, vários dos oficiais mais antigos deixaram o regimento, tendo os seus postos sido ocupados por sargentos. Posteriormente, a 12 de novembro, recebeu a ordem do coronel José Félix Estigarribia, comandante das tropas paraguaias no Chaco, para concentrar seus esquadrões em Platanillos, destacando dois pelotões de bloqueio ao antigo fortim boliviano “Loa”, uma missão que foi cumprida com 50 soldados. Posteriormente, um pelotão do 3º Esquadrão foi estacionado nas proximidades do fortim boliviano “La China”, que se encontrava abandonado, mas não dispunha de boas posições para estabelecer a defesa.

O antigo combatente e, mais tarde, biógrafo do regimento relata-nos, no seu livro *Mis Memorias* (SILVA, 1989, p. 49), que o 1º

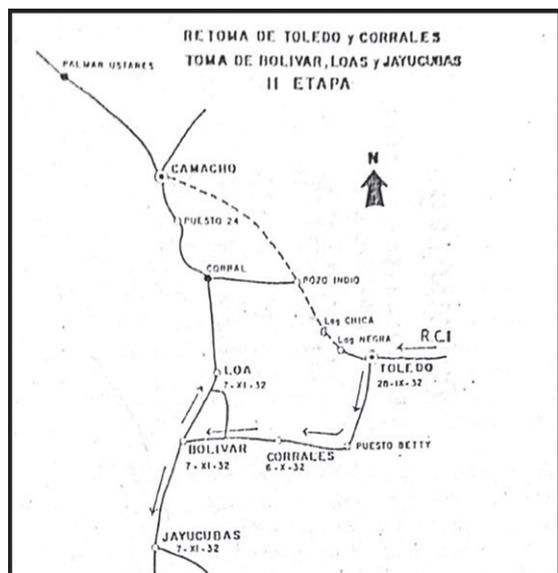


Figura 2 – Mapa do setor em que se deram os fatos relatados neste artigo

Fonte: SILVA, 1989, p. 51

Tenente Nemo Canabarro foi incluído no efetivo do regimento no dia 30 de novembro de 1932, sendo destacado no mesmo dia para o Estado-Maior da unidade, quando solicitou ser enviado imediatamente à primeira linha com a tropa. No dia seguinte, já era parte das patrulhas que percorriam todo o Fortim Platanillos, sendo-lhe solicitado, no dia 4 de dezembro, pelo capitão Medardo Castagnino, novo oficial a cargo da unidade, o seu parecer sobre o sistema defensivo, ao que o tenente brasileiro respondeu:

Que lhe parecia lógico avançar a linha a 200 metros acima de uma ravina, para ocupar uma posição mais favorável para a defesa, deixando a pequena lagoa para trás, e reforçar a ligação das duas unidades, pois este é frequentemente o ponto crítico de toda posição defensiva. (SILVA, 1989, p. 50)

O capitão Castagnino não modificou as posições, apesar das advertências.

O dispositivo estava distribuído da seguinte forma: o 1º Esquadrão cobria o Norte do caminho que levava ao fortim boliviano “La China”, tendo sob seu encargo o Norte do aeródromo que estava fora do posto, a Oeste do mesmo, estendendo suas linhas ao Norte em direção ao fortim “Jayucubas”, que se encontrava desocupado, tendo um pelotão sobre a continuação desse caminho em “Loa” sob o comando do tenente Ceferino Vega Gaona a 47 quilômetros de Platanillos. Em seu setor, o 2º Esquadrão contava com um pelotão de bloqueio no caminho que levava a “La China”, dois quilômetros a Oeste de Platanillos, e o restante de seus pelotões, ao Sul, cobrindo o caminho que levava a “Muñoz”. Por sua vez, o 3º Esquadrão tinha

a responsabilidade de cobrir o caminho para “La China”, fazendo um arco pelo campo até se unir às tropas que cobriam o caminho para “Muñoz”, deixando a lagoa mencionada à sua retaguarda. Finalmente, o 4º Esquadrão e o Esquadrão de Metralhadoras se encontravam a Leste, em um capão de mata na retaguarda do contingente.

Dois dias depois, o tenente Nemo foi transferido para o 3º Esquadrão do Regimento, atendendo seu pedido de passar à tropa. Ao chegar ao seu novo posto, novamente alertou o comandante do regimento de que havia uma brecha de 400 metros entre os pelotões do 3º Esquadrão ao sul da pequena lagoa e os pelotões do 2º Esquadrão que estavam no caminho para o Fortim “Munoz”, como se pode observar no mapa da **Figura 4** deste trabalho.

Tudo estava pronto para o desastre: os bolivianos enviaram sua 8ª Divisão composta por quatro regimentos de infantaria, um esquadrão de cavalaria e uma bateria de artilharia leve de quatro canhões, com um total de cerca de 1.200 homens, que avançaram a partir de “La China”; por sua vez, a partir de Camacho, se aproximou de um regimento com 200 soldados e dois canhões, pertencentes à 2ª Divisão de Infantaria Boliviana; para enfrentar toda esta força, o Valois só podia contar com 440 soldados. A 12 de dezembro de 1932, começou o ataque, sendo os primeiros a enfrentar-se com os bolivianos o pelotão do 3º Esquadrão perto de “La China”, que recuou para Platanillos. Em seguida, foi a vez dos homens do regimento em Loa, que enfrentaram uma patrulha boliviana a quatro quilômetros do fortim e, posteriormente, foram atacados com fogo de artilharia.

Corpo de Exército paraguaio, sendo o 1º Ten Canabarro nomeado comandante de um Esquadrão avulso que era usado como reserva.

No dia 28 de janeiro, começou a batalha pelo fortim “Corrales”, da qual o Regimento não participou, apesar de estar destacado à retaguarda do mesmo, na qualidade de reserva do corpo que defendia a posição. Após a queda de “Corrales”, passou a ocupar a posição do “Puesto Betty” em fevereiro e, mais tarde, no dia 10 do mesmo mês, retirou-se para a retaguarda de “Toledo”, constituindo novamente a reserva Corpo de Exército, enquanto os bolivianos, imersos em uma ofensiva geral, se estraçalhavam diante das trincheiras paraguaias dos fortins “Nanawa” e “Toledo”.



Figura 5 – Retirada do Regimento Valois após a batalha de Platanillos

Fonte: SILVA, 1989, p. 66

No dia 25 de fevereiro, deu-se início ao principal ataque contra “Toledo” com o apoio da aviação e da artilharia, tendo o 2º Corpo de enfrentar 5.000 soldados da Bolívia com uns poucos soldados paraguaios. No dia 27, dois esquadrões do Regimento Valois, juntos com dois outros do Regimento San Martín, atacaram as tropas bolivianas que se haviam infiltrado no dispositivo paraguaio a Sudoeste de “Toledo”. No dia 10 de março, o esquadrão de metralladoras do Valois despedaçou um destacamento de soldados que havia atacado as suas posições.

Nesta fase de organização do Regimento e de movimentações, Nemo Canabarro foi promovido a capitão no dia 11 de março de 1933, tendo participado nos combates citados acima. O Regimento também recebeu uma seção de morteiros para acompanhamento da infantaria, suprindo a completa carência desse tipo de armas até aquela data.

No dia 3 de maio do ano de 1933, o Esquadrão do capitão Canabarro recebeu a ordem de cobrir o posto Nery Huerta na linha de trincheiras pertencentes ao reduto do fortim “Toledo”, enquanto que os 2º e 3º Esquadrões ocuparam posições na Laguna Negra para uma manobra contra o inimigo, fazendo contato com eles no dia 5 e, em seguida, retornando para ocupar as posições na Lagoa Negra enquanto aguardava novas ordens.

A 20 de junho, voltamos a ter notícias de nosso novel capitão, quando o Regimento foi reorganizado após a partida dos comandantes do 2º e 3º Esquadrões, que haviam ido, em licenças, à capital, depois de um ano de guerra. Nemo foi nomeado comandante do 1º Grupo de Esquadrões do Regimento, tendo sob o seu comando os 3º e 4º Esquadrões, sendo o seu esquadrão avulso unificado entre os demais.

Finalmente, no mês de agosto, a ofensiva geral boliviana foi totalmente paralisada, havendo perdido mais de 10.000 homens, entre mortos e feridos, e sido derrotada nos fortins “Nanawa”, “Gondra”, “Toledo” e “Herrera”. A partir desse momento, começou a concentração de tropas paraguaias para lançar uma ofensiva em toda a frente de batalha.

Começa a ofensiva paraguaia do ano 1933

O comandante José Félix Estigarribia tentava realizar uma manobra de duplo envolvimento das tropas bolivianas estacionadas no Fortim “Campo Vía”, enquanto se aferrava em Saavedra com o 3º Corpo de Exército contra o Grupo de Divisões bolivianas no setor de Pilcomayo, procurando, dessa forma, com a queda da primeira posição, comprometer a retaguarda destas divisões, que poderiam cair prisioneiras ou deveriam recuar inevitavelmente ao sistema defensivo de Ballivián, muito mais ao Norte sobre o rio Pilcomayo.



Figura 6 – 1º Ten Canabarro nas trincheiras do fortim “Toledo” (de pé, com chapéu, à esquerda da fotografia)

Fonte: LOPEZ, 1984, p. 73

O primeiro triunfo paraguaio foi obtido na batalha de “Pampa Grande” no dia 16 de setembro de 1933, onde se renderam mais de 500 soldados pertencentes à 9ª Divisão Boliviana, que foi forçada a recuar para os fortins “Charata” e “Alihuata”.

No dia 19 de outubro, o 1º Regimento de Cavalaria foi novamente reorganizado, ocasião na qual vemos o capitão Canabarro mais uma vez como comandante do 1º Grupo de Esquadrões. O Valois passa agora a fazer parte do 1º Corpo de Exército, com a missão de operar no setor dos fortins “Falcón” e “Rancho Quemado”, combatendo nesta última posição no dia 20 do mês e rompendo as linhas de bloqueio para, posteriormente, ser substituído ao Norte do fortim. Três dias depois, o Regimento atacou os postos avançados do fortim “Charcas”, obrigando os bolivianos a recuar ao fortim.

Em 30 de outubro, os dois esquadrões do capitão Nemo Canabarro assaltaram as posições do fortim “Pozo Favorito”, apoiados por uma companhia do 3º Regimento de Sapadores e uma bateria de artilharia, além de alguns morteiros. O fortim contava com três linhas de trincheiras separadas, cada uma delas. A artilharia cobriu o lento, mas contínuo avanço dos soldados do Valois, que progrediram rastejando sob as rajadas das metralhadoras bolivianas até que se posicionassem nas proximidades da trincheira, para, finalmente, atacá-la com granadas de mão e armas brancas (fâcoes e baionetas). Em seguida, foi atacada a segunda linha de defesa, onde algumas granadas da própria artilharia que haviam caído curtas acertaram as tropas paraguaias. Os

esquadrões de Nemo conseguiram abrir uma brecha de 600 metros de largura nas posições boliviana, para logo se chocarem com uma terceira linha, que não foram capazes de romper nesse dia. Durante os três dias seguintes, suportaram o ataque constante dos bolivianos, que pretendiam recuperar a posição, sendo o 1º Grupo de Esquadrões substituído depois do ataque pelo 2º Grupo, com os 1º e 2º Esquadrões. O total de baixas foi de 7 soldados mortos, 71 feridos e 40 contusos. Os bolivianos tiveram 32 mortos e um número similar de feridos no ataque.

No dia 3 de novembro, foi incorporado ao Regimento o primeiro-tenente brasileiro Álvaro Pessoa, que foi nomeado ajudante principal do capitão Canabarro no 1º Grupo de Esquadrões. Tendo em vista as perdas sofridas, o Regimento foi substituído na missão de romper a terceira linha de defesa pelo 16º Regimento de Infantaria “Mariscal Lopez” e o 3º Regimento de Infantaria “Corrales”, que romperam a linha boliviana. Os esquadrões de Canabarro receberam a ordem de aproveitar o êxito da infantaria e, em seguida, apoiar com sucesso o “Corrales” na ampliação da brecha na linha boliviana. Em seguida, ocupou o caminho “Charcas-Pozo Favorito”, chegando até uma Ravina conhecida como nº 13, onde manteve contato com as tropas bolivianas, perdendo um total de três soldados e ficando com 19 feridos. Mais tarde, passou para a retaguarda da infantaria, reunindo-se com o 2º Grupo de Esquadrões.

No dia 8 de novembro de 1933 o Regimento foi incorporado à 7ª Divisão paraguaia, com a missão de ocupar o posto “J” da linha de defesa. Seis dias depois, recebeu a missão de romper a linha no Posto “J” e “Charata”, apoderando-se desta importante linha de comu-

nicções. Coube ao 2º Grupo romper a linha, e, a Canabarro, com suas tropas, explorar o êxito, cortando o caminho para o fortim. Diante deste novo sucesso e para continuar a manobra de envolvimento, no dia 15 do mês, foi criado um grupamento de combate composto pelo Regimento Valois, o “Corrales”, o 10º Regimento de Infantaria “Sauce” e um batalhão avulso, nomeando-se como comandante do grupamento o major Alfredo Ramos, que foi substituído no comando do Regimento pelo capitão de Artilharia Hermes Saguier. O Valois foi, desta maneira, liberado da 7ª Divisão.

O capitão Nemo Canabarro é nomeado comandante de regimento

O major Ramos nomeou interinamente o capitão Canabarro comandante do 3º Regimento de Infantaria “Corrales”, na ausência de seu chefe. Canabarro levou consigo o tenente Álvaro Pessoa. Durante o pouco tempo em que comandou a unidade de infantaria, incumbiu-lhe ocupar as posições para a próxima manobra sobre Campo Vía, entregando o comando do Regimento, no dia 28 de novembro, ao capitão Heriberto Florentin, passando novamente a comandar o 1º Grupo de Esquadrões do Regimento Valois Rivarola.

O capitão Canabarro dedicou-se a fazer avançar os seus esquadrões, pressionando o inimigo na direção do fortim “Vera”, em conjunto com o Regimento San Martín, construindo picadas na mata e caminho para as manobras das outras unidades. Em face destas manobras, no dia 5 de dezembro, o exército boliviano começou uma retirada lenta e até mesmo perdeu o caminho que conecta os fortins “Saavedra” e “Zenteno”, que estava localizado perto do for-

tím paraguaio “Gondra”. Coube às tropas de Nemo substituir o 10º Regimento de Infantaria Paraguaia no setor do fortim “Charata”, conseguindo uma retirada ordenada ante a pressão do inimigo, evitando infiltrações. No dia 7, com a ajuda do Grupo de Esquadrões, capturaram o fortim “Zenteno”.

A Batalha de Campo Via

Durante a manobra sobre o acampamento boliviano de “Campo Vía”, o Regimento Valois acompanhou o “Corrales” em suas ações. Mas o avanço não era lento o suficiente para realizar o envolvimento das tropas sem evitar a retirada inimiga sem baixas. Por esta razão, no dia 3 de dezembro, o comandante Estigarribia removeu o tenente-coronel Juan Bautista Ayala do posto de comandante do 1º Corpo de Exército, a fim de assumir o comando direto das tropas. O Valois passou a fazer parte de um novo Grupamento de Combate com os regimentos Corrales, Felipe Toledo, San Martín, Capitán Bado, um batalhão do Regimento Ytororó e o Destacamento de Exploração Irala Fernández, todos por ordem do tenente-coronel José A. Ortiz.

No dia 8 do mês, coube ao capitão Canabarro entregar à Polícia Militar um soldado do Regimento que se havia infligido um ferimento, a fim de colocá-lo à disposição das autoridades competentes. No dia seguinte, o Valois foi designado como a ponta de lança do Grupamento de Combate do tenente-coronel Ortiz. Sendo o capitão Saguier chamado ao posto de comando do Grupamento, nomeou a Nemo como encarregado interino do Regimento durante sua ausência nas reuniões do Estado-Maior, demonstrando a confiança que os oficiais paraguaios tinham nas capacidades

do oficial brasileiro. A fim de executar a manobra, ordenou que seu Grupo de Esquadrões marchasse na vanguarda, apoiado pelo esquadrão de metralhadoras e morteiros, com o 2º Grupo de Esquadrões cobrindo a retaguarda. O avanço se realizava em plena mata, abrindo picadas com grupos de 20 homens que cortavam a vegetação com facões, em turnos de uma hora de rotação, a fim de não reduzir o avanço para o Sul. No dia 10 de dezembro, após haver avançado toda a noite cerca de cinco quilômetros e meio, chegaram à planície da “Ravina 31”, onde esperaram a chegada do resto da unidade e o Destacamento de Exploração de Irala. Depois de certificar-se da ausência de observadores inimigos, o Regimento avançou até a mata seguinte, onde voltou a abrir novos caminhos. Naquele dia, cortaram novamente o caminho Saavedra-Zenteno, muito mais ao Sul do que anteriormente, posicionando nele fortes bloqueios. Naquela noite, as tropas do Regimento escondidas ao longo do caminho, havendo removido os bloqueios, a fim de evitar que os bolivianos descobrissem o cerco antes da chegada das outras unidades às suas posições, puderam observar vários caminhões bolivianos que vinham de Zenteno na direção de Saavedra e, inclusive, observaram dois tanques Vickers de seis toneladas avançando nessa direção, sem descobrir as tropas paraguaias escondidas.

A 11 de dezembro de 1933, o comandante do Regimento, Hermes Saguier, caiu gravemente enfermo, com febre, vítima de uma malária reiterada. Chamou à sua barraca o capitão Canabarro, a quem nomeou como seu substituto no comando da unidade, informando ao major Alfredo Ramos, que confirmou a nomeação de Nemo. Perto do meio-dia, o 3º Esquadrão voltou a instalar os bloqueios, e o Regimento avançou tropas para



Figura 8 – Homenagem ao Cap Nemo Canabarro na Imprensa paraguaia

Fonte: Jornal “El Diario”, 27 de fevereiro de 1934

Em 16 de dezembro, o capitão Canabarro entregou o comando do Valois ao major Alfredo Ramos, emitindo um relatório extremamente detalhado das ações do Regimento desde o início da manobra ofensiva, que é um dos documentos mais detalhados da história da unidade. Posteriormente, o Paraguai ofereceu um armistício à Bolívia, que entrou em vigor no dia 20 de dezembro, a fim de novamente levar o conflito à mesa de negociação.

O Valois foi destinado ao Fortim Carayá, também conhecido como “Coronel Belo”, como parte da Divisão de Reserva Geral, sob o comando do tenente-coronel Eduardo Torreani Viera. Nos primeiros dias do ano de 1934, Torreani Viera chamou o capitão Canabarro para informá-lo que o Governo do Brasil concedera uma anistia geral a todos os oficiais que haviam participado no movimento revolucionário de 1932 nos estados de São Paulo e Mato Grosso e

lhes dava a todos um prazo de 30 dias para se apresentar às autoridades militares competentes, visto que, uma vez que esse prazo houvesse expirado, todos seriam excluídos do Exército de forma definitiva.

A mencionada obra do capitão Fernando Silva (1889, p. 132) resgata as palavras do tenente-coronel Torreani Viera e a reação do nosso capitão:

Ele disse que o General Estigarribia (José Félix) que o fazia dizer: “As portas do Exército Paraguaio estavam abertas para o senhor... mais do que nunca, mas sendo o senhor, neste momento, um Oficial fora da Lei em seu país, o seu dever de Oficial é colocar-se dentro dela”. Surpreendido com esta situação, pediu 24 horas para refletir e poder responder conscientemente. No dia seguinte, depois de uma longa meditação, optou por regressar ao seu país, pensando que o desenvolvimento da luta no Chaco iria durar e que a sua presença em sua pátria seria mais útil para o Paraguai, dando a conhecer aos seus camaradas a realidade da justiça da causa paraguaia e o esforço que empreendia este pequeno país para superar os seus problemas. Além disso, não queria perder o seu *status* militar. Comunicada esta decisão ao Comandante do Regimento Major Ramos e camaradas e antes de sua retirada, solicitou ao Comando do Regimento que o 1º Sargento Alberto Bogado e 10 outros soldados o acompanhassem até Assunção com 15 dias de licença, em reconhecimento por seu comportamento durante a presente campanha, pedido que lhe foi concedido.

Com este episódio, termina a participação do capitão Nemo Canabarro Lucas no Exército Paraguaio durante a Guerra do Chaco, tendo participado diretamente em várias das principais batalhas do conflito com profissionalismo e valentia.

Epílogo

O capitão Canabarro não foi o único oficial do Exército Brasileiro que combateu como voluntário junto ao exército paraguaio. O jornal *El Liberal*, no dia 1º de fevereiro de 1934, publicou uma entrevista com o já citado 1º Ten Álvaro Pessoa, oriundo do Rio de Janeiro, que lutou na batalha de Zenteno e de Campo Vía, sob o comando de Nemo, sendo partícipe da vitória guarani.

Ambos os oficiais se retiraram do exército paraguaio no início do ano de 1934 e, no dia 18 de fevereiro, empreenderam a viagem de regresso ao seu país, conforme relatado pelos jornais da época, a fim de beneficiar-se de uma anistia geral declarada em favor dos oficiais que tinham participado no exército paulista durante a revolução de 1932. Também soubemos, pelos mesmos meios, que não conseguiram chegar a tempo de voltar a ser incorporados ao Exército Brasileiro, passando a trabalhar para jornais locais, onde defendiam a causa do Paraguai no conflito com a Bolívia.

A Guerra do Chaco continuaria com novo vigor após o armistício, logrando as forças paraguaias, após um ano e meio de guerra, fazer retroceder o exército boliviano até as primeiras encostas andinas, quando se assinou um armistício com um cessar-fogo, no dia 12 de junho de 1935, que entrou em pleno vigor dois dias depois. O tratado de paz definitivo foi assinado três anos mais tarde, permanecendo dessa forma os limites atuais entre os dois países, tendo custado ao

Paraguai mais de 30.000 vidas e um número similar de feridos. Entretanto, a Bolívia teve 60.000 soldados mortos e pelo menos 30.000 prisioneiros, que foram libertados vários meses após o cessar-fogo.

O capitão Nemo Canabarro ficou profundamente apaixonado pelo Paraguai, e é inegável que a sua contribuição para as armas paraguaias em defesa do direito justo sobre o território do Chaco deixou uma marca indelével em seus companheiros e na história deste conflito armado. Entre os testemunhos de afeto e respeito, lemos:

- Major Tomás Romero Pereira, membro do Estado-Maior Geral: “Capitão Canabarro, o senhor pode dizer que fez uma campanha e a fez de maneira que um paraguaio não faria melhor”.
- Capitão Fernando Silva, oficial do Regimento Valois que esteve sob seu comando no ano de 1932/1933: “Obrigado, capitão Canabarro Lucas, em nome dos seus camaradas do Valois, pela sua colaboração generosa, leal, corajosa e altruísta, expondo sua vida sem constrangimento em inúmeras batalhas em defesa da nossa causa!”.
- O jornal paraguaio *El Liberal*, com data de 1º de fevereiro de 1934, resgata a opinião de um de seus soldados, que o acompanhou até Assunção: “Todos nós gostamos muito dele porque se preocupa mais com as nossas vidas do que com a sua própria e, com uma doçura bondosa, é de uma energia ilimitada”. 🌐

Referências

CASABIANCA, Ange François. **Una Guerra desconocida**: La campaña del Chaco Boreal (1932-1935), Vols. III, IV, V. Asunción, Paraguay: Editorial “El Lector”, 2000.

ESTIGARRIBIA, José Félix. **Memorias del Mariscal José Félix Estigarribia**: Guerra del Chaco, 1932-1935. Asunción, Paraguay: Editorial “Parroquia San Rafael”, 2011.

JOY, Juan Carlos, **Fortines de la Guerra del Chaco**. Asunción, Paraguay: Editorial Ateneo, 1988.

LÓPEZ MARTINEZ, Esteban. **Listo Valois**: intimidades de un regimiento en campaña. Asunción, Paraguay: Dirección de Publicaciones, Fuerzas Armadas, 1984.

MINISTÉRIO DA GUERRA DO BRASIL. **Almanaque** (1934).

SILVA, Fernando. **Mis memorias**: Regimiento de Caballería no. 1 “Valois Rivarola” “Listo, Adelante Valois”: Guerra del Chaco, 1932-1935. Asunción, Paraguay: Criterios Ediciones, 1989.

Sitio Web: <www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lucas-nemo-canabarro>.

Jornal paraguaio, “El Liberal”, em sua edição de 1º de fevereiro de 1934.

Jornal paraguaio, “El Diario”, em sua edição de 17 de fevereiro de 1934.

Jornal paraguaio, “El Orden”, em sua edição de 17 de fevereiro de 1934.

Jornal paraguaio, “La Tribuna”, em sua edição de 23 de fevereiro de 1934.

Jornal paraguaio, “El Liberal”, em sua edição de 14 de março de 1934.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Tradução de Fernando Velôzo Gomes Pedrosa.

² Grupo de denominações cristãs que descende diretamente do movimento anabatista que surgiu na Europa no século XVI, durante a Reforma Protestante, valorizando a vida em comunidade e baseando suas práticas apenas nos preceitos da Bíblia. Os menonitas tiveram origem na Alemanha e nos Países Baixos, mas muitos migraram para o Sul da Rússia no século XVIII, estabelecendo colônias agrícolas na Crimeia. A Revolução Comunista de 1917 destruiu as colônias menonitas, e muitos colonos perderam suas terras, foram perseguidos e morreram de fome. Em busca de novas terras e liberdade de culto, muitos menonitas russos migraram para os Estados Unidos, Canadá e também para o Paraguai, cujo governo lhes ofereceu terras no Chaco. Os primeiros menonitas da Rússia chegaram ao Paraguai em 1927. No ano anterior, havia chegado um contingente do Canadá, formado por descendentes dos que haviam emigrado da Rússia para o Canadá em 1877 (Nota do Tradutor).